



Diálogos

ISSN 2177-2940



Representações do feminismo na Revista *Kodak* - Porto Alegre (1912-1918)

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i2.46293>

Marlise Regina Meyer

 <https://orcid.org/0000-0002-6446-7799>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: meyrer_nh@hotmail.com

Mônica Karawejczyk

 <http://orcid.org/0000-0001-7921-7365>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: karawejczyk@gmail.com

Representações do feminismo na Revista *Kodak* - Porto Alegre (1912-1918)

Resumo: A revista *Kodak* (Porto Alegre/RS), foi uma das primeiras publicações no sul do Brasil a apostar em um discurso sobretudo imagético para retratar a sociedade moderna das primeiras décadas do século XX. Para tanto, deu grande destaque para as questões da atualidade, adotando uma linha editorial voltada para o humor e crítica da sociedade. Considerando que no período entre os anos de 1912 e 1918, ocorreu uma expansão do movimento feminista no país, pretende-se identificar se a *Kodak* tratou dessa temática em suas publicações e, em caso positivo, qual foi a representação dele que procurou divulgar para seus leitores.

Palavras-chave: Feminismo. Revista *Kodak*. Imprensa ilustrada.

Representations of feminism in the *Kodak* Magazine - Porto Alegre (1912-1918)

Abstract: *Kodak* magazine (Porto Alegre / RS) was one of the first publications in southern Brazil to focus on a mainly imagistic discourse to portray the modern society of the first decades of the twentieth century. In order to do so, it gave prominence to current issues, adopting an editorial line focused on the humor and criticism of society. Considering that in the period between 1912 and 1918, there was an expansion of the feminist movement in the country, it is intended to identify if *Kodak* dealt with this issue in its publications and, if so, what was the representation of it that sought to disclose to its readers.

Key words: Feminism. *Kodak* Magazine. Illustrated press.

Representaciones del feminismo en la Revista *Kodak* - Porto Alegre (1912-1918)

Resumen: La revista *Kodak* (Porto Alegre/RS), fue una de las primeras publicaciones, en el sur de Brasil en apostar por un discurso de imágenes para retratar la sociedad moderna de las primeras décadas del siglo XX. Para lograrlo, se destacaron especialmente cuestiones de actualidad, adoptando una línea editorial orientada al humor y la crítica de la sociedad. Considerando que en el período entre los años 1912 y 1918, ocurrió una expansión del movimiento feminista en el país, el artículo pretende identificar si la *Kodak* destacó la temática del feminismo en sus publicaciones y, en caso de ser así, cuál fue la representación del feminismo que efectivamente buscó divulgar para sus lectores.

Palabras clave: Feminismo. Revista *Kodak*. Prensa ilustrada.

Recebido em: 18/01/2019

Aprovado em: 31/05/2019

Nas primeiras décadas do século XXI assistimos a uma revitalização e pluralização dos movimentos feministas. Alguns autores, tal como Marlise Matos (2014), denominam esse período de *Primavera Feminista* ou quarta onda do feminismo brasileiro.¹ Para Matos essa nova onda do feminismo emergiu no contexto de crítica ao neoliberalismo, tendo como marco a *Marcha Mundial das Mulheres* realizadas em 159 países no ano 2000. A emergência dessa nova onda, visibilizada por campanhas *online* como #metoo, #meuamigosecreto e #PrimeiroAssédio bem como movimentos como a *Marcha das Vadias*, ligados principalmente a grupos progressistas e setores de esquerda, acionou um movimento de resistência neoconservador que aglutinou diferentes sujeitos e instituições sociais com uma pauta de defesa da família patriarcal tradicional.

Os novos meios de comunicação têm sido os principais instrumentos utilizados pelos grupos em seu combate contra os avanços das lutas por igualdade de gênero e contra a violência e discriminação por motivo de gênero. No que se referem ao movimento feminista, tais discursos visam a desmoraliza-los e desqualifica-los através da difusão de estereótipos e frases de efeito, satirizando ativistas e suas pautas. Em *memes* e grupos de *whatsapp* é comum chamar as feministas de mulheres infelizes, feias e mal amadas. Tais argumentos procuram silenciar as mulheres através da ridicularização de sua fala, da sua postura em público, procurando assim resgatar

antigos estereótipos [...], entre outros, a feiura, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconseqüência, a tendência à transgressão e a masculinidade, com vistas a identificar negativamente aquelas que postulavam [e postulam] papéis considerados privativos dos homens (SOIHET, 2013, p.170).

Os movimentos de resistência bem como a estratégia de desqualificação do movimento e das suas protagonistas não são exclusividades da era da comunicação digital. Desde a “primeira onda” do movimento feminista no Brasil, tal recurso foi amplamente utilizado pela imprensa, especialmente através dos desenhos de humor veiculados nos jornais diários e especialmente nas revistas que, no início do século, tornavam-se um dos novos símbolos da modernidade e do novo estilo de vida urbano que se implantava no país.

A fim de discutir a historicidade dessa estratégia de resistência aos avanços feministas, o artigo analisa a forma como a revista *Kodak*, uma das primeiras publicações voltadas para a arte e a

¹ Ao longo da história o movimento feminista têm sido identificado por meio de “ondas” pela peculiaridade de ter momentos de maior visibilidade na sociedade. A assim chamada Primeira Onda ficou mais conhecida por sua luta pelo direito ao sufrágio feminino e se localizaria temporalmente entre a Revolução Francesa e a ascensão do nazifacismo na Europa. A Segunda Onda tem seu marco inicial nos meados da década de 1960 e a Terceira Onda por volta dos anos de 1980. Destacamos que esta periodização é uma construção histórica proposta por analistas sociais para facilitar o entendimento do movimento feminista e suas diversas lutas e não reflete a pluralidade das lutas feministas. Para mais dados sobre os movimentos consultar, por exemplo, Magda G. dos Santos (2014). Os termos “feminismo” e “feminista” designam, tal como aponta Michele Perrot (2007, p.154), “aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos”.

sociedade do sul do Brasil, por meio de alguns textos e, sobretudo, de imagens representou o discurso feminista e as feministas nas primeiras décadas do século XX. Embora não fosse um periódico dedicado especificamente para o público feminino, as mulheres, bem como os papéis a elas atribuídos, eram centrais na revista, cuja ênfase era o espaço de sociabilidade de Porto Alegre.

A Revista Kodak

A *Kodak* representou um marco na imprensa periódica ilustrada de Porto Alegre, inaugurando uma fase nova, com avanço técnico e autonomia comercial. Seu nome foi escolhido para ajudar na sua identificação, ou seja, para que o leitor a reconhecesse como uma publicação voltada para ser “a fotografia semanal do Estado e da cidade. Seria uma revista ‘de poucas palavras e de muitas ilustrações’” (TRUSZ, 2016, p.1). Ela contava com uma tiragem semanal de três a quatro mil exemplares, sua primeira edição esgotou no seu lançamento em setembro de 1912. Publicada de forma ininterrupta até janeiro de 1915 e, após um intervalo de quase dois anos, ressurgiu sendo então publicada, de forma esporádica, até meados de 1923 (TRUSZ, 2013, p.136; SILVEIRA, 2015, p.67). A inovação da *Kodak* foi ser a primeira revista a privilegiar, nas suas páginas, uma grande quantidade de fotografias, conteúdos independentes e ilustrações. Direcionada à arte, à literatura, à vida social da população gaúcha, assim se definia em seu primeiro editorial:

[nos dedicaremos a divulgar a] Vida intelectual e mundana, vida industrial e artística, vida comercial e esportiva, todas as manifestações de nossa existência moderna, tudo ela registrará com sua objetiva pluriforme e adequada. KODAK será revista de poucas palavras e de muitas ilustrações (*Kodak*, 28.set.1912)

O periódico surgiu na esteira de suas congêneres do centro do país, especialmente nos moldes das cariocas *Revista da Semana* e *Fon-Fon*.² O gênero surge no contexto do desenvolvimento das tecnologias gráficas e na emergência de uma imprensa empresarial e comercial, tornando-se uma alternativa aos jornais e livros. Tais publicações despontaram com a pretensão de se diferenciarem dos outros materiais impressos, pois, seu conteúdo não era: “nem tão imediata quanto a matéria trazida pelos jornais, nem tão reflexiva quanto a sugerida pelos livros, elas conseguem trilhar esse caminho singular, combinando notícias, reflexão e entretenimento [...]” (OLIVEIRA, VELLOSO E LINS, 2010, p.12). O modelo contribuiu para ampliação do público

² *Revista da Semana* circulou entre 1900 e 1959, tendo sido fundada por Alvaro de Tefé e a *Fon Fon* foi concebida por Jorge Schmidt, publicada entre abril de 1907 e agosto de 1958, trazia como subtítulo a eloquente frase “uma revista para o lar”. Ambas as revistas, eram semanais, com sede na capital federal, tinham distribuição nacional e apostavam no uso de ilustrações, charges, fotografias e fotoreportagens. Para mais dados sobre a *Fon Fon* consultar Semiramis Nahes (2007) e para a *Revista da Semana* ver Ana Luiza Martins (2001).

leitor pelo seu custo baixo, textos entremeados de imagens e poucas folhas (MARTINS, 2001, p.40).

Entre as revistas do gênero, produzidas no estado do Rio Grande do Sul, a *Kodak* apresentou longevidade e profissionalismo, pois investiu na formação de uma equipe profissional e em oficinas próprias. Alice Trusz assim descreve a revista:

Publicada em Porto Alegre [...] [sua] proposta editorial era dar conta da multiplicidade das manifestações da vida, promovendo as sociabilidades públicas e o mundanismo cosmopolita. [...] *Kodak* foi um produto representativo da cultura da belle époque brasileira e defendeu que a linguagem que melhor correspondia aos “elétricos tempos” então vividos, de “cinematografia e de vertigem”, em que tudo devia ser “breve, instantâneo, sintético”, era a visual, tendo, por isso, feito largo uso da fotografia e da ilustração (TRUSZ, 2016, p. 1).

De uma forma geral, o perfil editorial do periódico alinhava-se com as ideias do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Alice Trusz (2016) estudou a revista sob um viés político e, para ela, a publicação, além do compromisso com seus produtores, partidários do PRR, evidenciava seu posicionamento político de forma mais “coloquial e lúdica”. O diretor e fundador da revista, Lourival Cunha, era correligionário do jornal *A Federação* (órgão do PRR) e militante do partido. Mansueto Bernardi, redator da revista, além de intelectual reconhecido, era atuante na política rio-grandense, tendo sido nomeado por Borges de Medeiros intendente de São Leopoldo, núcleo central da região de colonização alemã no estado, importante e estratégica zona eleitoral para o governo estadual.³

Esse alinhamento do periódico ao PRR implicava também em uma parcela de adesão ao ideário positivista que integrou os ideais republicanos da Primeira República no Brasil e, com mais ênfase no Rio Grande do Sul. Neste ideário as mulheres receberam atenção específica, sendo elas consideradas responsáveis pela manutenção da ordem familiar, base moral da sociedade. Assim reforçou-se que o lugar da mulher era o espaço privado, onde ela reinaria absoluta. Para Ogando (2010), o positivismo reforçava a diferença entre os sexos e a submissão das mulheres aos homens considerados intelectualmente superiores e mais capazes. Em conformidade com essas ideias, a revista *Kodak* deu bastante visibilidade às mulheres em suas edições, reforçando os papéis a elas atribuídos e ridicularizando através de anedotas e charges as que não se adequavam a esse modelo, tal como veremos a seguir.

Analizando a fonte

³ Antonio Augusto Borges de Medeiros foi governador do estado do Rio Grande do Sul no período de 1898-1908, 1913-1915 e 1916-1928.

A coleção da *Kodak* foi consultada no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (AHR), no acervo particular de Nicolau Araújo Vergueiro. Para dar conta da problemática proposta neste artigo foram separadas 76 edições em que se encontrou alguma indicação sobre a temática mulher e, nessas, foram encontradas 130 referências assim categorizadas: 1) moda, beleza e comportamento; 2) desenhos humorísticos; 3) crônicas, poemas e artigos.⁴ Para os fins que esse artigo se propõe separamos exemplos das categorias dois e três para ilustrar o modo como a revista *Kodak* apresentou o tema mulher e de modo mais específico, a questão do feminismo, tal como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1
Categorias por número de ocorrências
A mulher na Revista Kodak

Ano	Edições consultadas	Nº ocorrências		
		Moda, Beleza/ Comportamento	Desenhos Humorísticos	Crônicas, Poemas/Artigos
1912	9	8	2	1
1913	8	3	9	-
1914	22	10	10	15
1915	3	-	6	1
1916	-	-	-	-
1917	13	12	5	6
1918	21	26	6	10
Σ	76	59	38	33

Fonte: elaboração própria das autoras

Na categoria *Crônicas, Poemas e Artigos*, por exemplo, destacamos o texto *A educação Feminina* assinada por Ramalho Ortigão, intelectual português do século XIX, dentre seus escritos estão sátiras políticas e sociais, dentro dos parâmetros positivistas. O texto defende uma educação específica para as mulheres modernas, ao destacar: “É preciso que as mulheres possuam noção de economia doméstica, que saiba escripturar as suas despesas, dirigir seus creados, alimentar a sua

⁴ A maior parte do levantamento do corpus documental foi realizado, no ano de 2015, pela bolsista PIBIC –CNPQ Thainá Battesini Teixeira (UPF), a qual agradecemos o empenho na realização do trabalho. A separação em tais categorias foram inspiradas na metodologia da *Análise de Conteúdo*, tal como proposta por Laurence Bardin (1977). Assim esclarecemos que o eixo centralizador que inspirou a separação em tais categorias foi a temática central de cada material analisado. No item denominado “Moda/beleza e Comportamento”, por exemplo, encontram-se desde as matérias que abordaram os trajes e acessórios adequados a serem utilizados por uma “mulher distinta” até as referentes aos conselhos de beleza para a mulher aprimorar seus dotes para conseguir um bom casamento, foi escolha das autoras não apresentar tal categoria nesse artigo. Bom destacar que a revista não trazia nas edições consultadas nessa pesquisa, a numeração das páginas, motivo pelo qual as mesmas não se encontram aqui referenciadas, também foi escolha das autoras manter a grafia da época no material citado.

família, educar a infância de seus filhos” (*Kodak*, 31.out.1914). Segundo Ortigão, a mulher deveria também possuir uma cultura geral para entreter-se e acompanhar o marido nas viagens. Na mesma edição, encontra-se o artigo intitulado *Família* assinado por Emilio Castelo Branco⁵, que no seu parágrafo inicial já deixa claro qual é a sua concepção de família: “A base e o modelo de todas as sociedades é a família. A humanidade em toda sua extensão, é uma mesma família, embalada no mesmo berço e filha do mesmo pae.” Mais adiante enfatiza o papel da mulher na manutenção dessa instituição, ao destacar: “[...] é o afecto da mãe, fervorosa de ternura, que estabelece a extremosa sociedade de irmãos, fomentando o amor fraternal entre seus filhos” (*Kodak*, 31.out.1914).

Tais escritos foram aqui apresentados por serem representativos do discurso positivista, como já destacamos. Nesse sentido, a interdependência das relações sociais de raça, sexo e classe também pode ser identificada no periódico e, em alguns casos, de forma bastante explícita como em uma charge publicada em 1918, apresentada na figura 1.

Figura 1



FONTE: *Kodak*, 04.maio.1918.

A charge ocupa uma pequena porção do canto direito inferior da página e apresenta três figuras, um homem, atrás do balcão abrindo um rolo de tecido, e duas mulheres do lado oposto. A mulher desenhada à esquerda tem as feições animais (semelhantes a um símio) e aparece

⁵ Lançamos a hipótese do texto ter sido escrito pelo escritor, romancista e cronista português oitocentista Camilo Castelo Branco tendo ocorrido um provável erro de grafia.

segurando um pacote, trajada com um longo avental, representa uma empregada doméstica, enquanto a “patroa” é retratada de salto alto e com trajes elegantes. O desenho enfatiza a troca de olhares entre o homem e a “patroa” sugerindo certa paquera entre eles, no momento em que o homem sugere o pagamento em beijos. Contudo a mulher espertamente decide que o pagamento será feito por sua empregada. Assim ao atribuir o pagamento a sua subalterna, reforça a ideia de sua moral ilibada, mas nega a essa a mesma condição moral. Tal cena expressa tanto uma relação de poder com base na classe social, quanto uma hierarquia racial. A piada ou o motivo do riso está no fato do pagamento “em beijos” da empregada, possivelmente negra, não ser agradável ao caixeiro viajante.

As imagens analisadas nesse artigo foram consideradas como artefatos culturais, detentoras de diferentes significados culturais e ideológicos, cuja decodificação interfere nas mensagens transmitidas. Elas adquirem sentido de acordo com o seu uso, ou seja, dependem de quem as produziu, para quem e com que finalidade, tal como aponta Ana Maria Mauad (2004, p.26): “a imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas”. De forma que as imagens são representações simbólicas que integram o próprio real como parte de uma cultura visual que “é percebida como produtos culturais políticos e sociais que expressam, através de suportes formais, representações sobre uma dada realidade social, constituindo-se num importante modo de resistência e ação políticas” (PIRES e DA SILVA, 2014, p. 69). Boris Kossoy também salienta serem as imagens “uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto, ideologicamente” (KOSSOY, 2002, p. 59). É a partir dessa perspectiva que as ilustrações encontradas na *Kodak* foram consideradas nas análises que fizemos nesse artigo.

Consideramos, aqui, uma definição geral de desenhos de humor e arte que denominaremos de charges, tal como indica Onici Flôres, “o conteúdo da charge desnuda a reação ao *status quo* [e é] um tipo de texto *sui-generis* que mostra e conta, ao mesmo tempo, os conflitos sociais. [...] Sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem” (FLÔRES, 2002, p.14). Por sua vez Maria Inês Ghilardi nos indica o impacto que o desenho humorístico pode causar no seu leitor pois ele “contém as emoções que envolvem os fatos, enquanto as reportagens tratam apenas de comunica-los. [...] além de transmitir informações, de forma rápida e sucinta, com criatividade e uma imprescindível dose de humor, a charge revela uma leitura crítica do mundo atual” (GHILARDI, 1995/1996, p.87). Assim destacamos o caráter ideológico, político e nunca neutro de tais desenhos humorísticos que trazem no seu bojo a capacidade de potencializar a crítica ou o consenso, reforçando estereótipos culturais negativos ou

positivos. O caricaturista, entretanto, mantém aberta a relação com o público e é dele a decisão final sobre o significado, sempre aberto.

Conforme Rachel Soihet (2003) a caricatura e a ironia foram instrumentos constantemente utilizados pela imprensa durante as primeiras décadas do século XX, para desmoralizar a luta das mulheres, reforçar sua inferioridade e submissão. Durante boa parte dos séculos XIX e XX, “as restrições aos direitos civis e políticos das mulheres eram justificadas pelo fato de que as mulheres, por natureza, [serem consideradas] [...] inaptas para atividades políticas e econômicas fora do lar” (KYMLICKA, 2006, p.305). O feminismo da assim chamada “primeira onda” surge nesse momento com toda a força. Fase de contestações e organização de mulheres em associações que procuravam mais espaço e voz no mundo público e político. Nesse sentido, o feminismo fez parte de um movimento que ocorreu em todo o Ocidente e que buscou estabelecer direitos para as mulheres através de mudanças na legislação e nos costumes. As principais reivindicações da época diziam respeito à educação feminina, seguidas por pedidos de melhores condições de trabalho às mulheres, o direito a ter uma profissão, acesso a herança e propriedade, bem como exigiam o direito de votar e serem votadas (KARAWEJCZYK, 2018). O trabalho feminino também era considerado como complementar ao do homem e não era estimulado, no final do século XIX, “aceitavam-se, com facilidade, mulheres fora de casa para se ocuparem de funções de benemerência ou da prática da caridade, mas era inadmissível que passassem a invadir e a se apossar da reserva masculina de cargos do serviço público” (HAHNER, 2003, p.154). Neste período é que se concentram as referências ao tema feminismo na *Kodak*, revelando a contemporaneidade das pautas. A primeira referência explícita foi encontrada na edição de 17 de maio de 1913. É uma charge com o título *Typos Conhecidos* que pode ser conferida na figura 2, cuja imagem apresenta uma senhora de idade avançada, convocando as “senhoritas” para uma Associação Feminista. A charge assim nos remete a duas situações distintas, primeiro ao fazer referência a convocação para a fundação de uma associação feminista mostra o impacto que surtiu, no sul do Brasil, tanto a criação da primeira associação feminina que havia se reunido na capital federal quanto à vinculação de notícias sobre as associações femininas no exterior.⁶ A outra situação que pode ser aferida a partir da imagem é que

⁶ O Partido Republicano Feminino (PRF) foi fundado em dezembro de 1910 pela professora Leolinda de Figueiredo Daltro, com o intuito de “congregar a mulher brasileira na capital federal e em todos os estados do Brasil, promovendo a cooperação entre as mulheres na defesa das causas relativas ao progresso pátrio”. Nos seus estatutos vetava a participação masculina bem como exigia o “reconhecimento das mulheres como cidadãs plenas e passíveis de participar das pugnas eleitorais” (KARAWEJCZYK, 2014, p.73 e 74). No ano de 1913 também recebeu muito destaque da imprensa brasileira a agitação feminista que estava ocorrendo na Inglaterra, em especial com o grupo das *suffragettes*, lideradas por Emmeline Pankhurst à frente da WSPU (Women's Social and Political Union). Esta foi uma organização militante que lutou pelo sufrágio feminino no Reino Unido entre 1903 e 1917, mantinham como táticas de ação a quebras de vidraças, ataques a propriedades e atentados contra a ordem pública, tudo para chamar a atenção do governo e da sociedade para a causa do voto feminino.

MEYRER, Marlise Regina; KARAWEJCZYK, Mônica. Representações do feminismo na Revista Kodak - Porto Alegre (1912-1918)

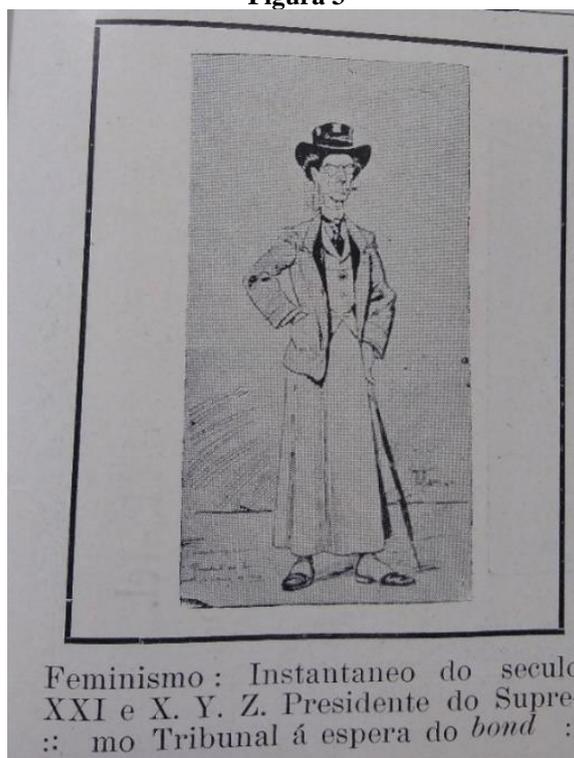
ela instiga a interpretação que uma mulher interessada em propor uma entidade desse tipo, seria uma matrona já passada da idade da procriação, i.e., uma mulher que ou já cumpriu sua função social, a de fornecer filhos para a sociedade ou que nunca os teve. Tal mulher era usualmente retratada como sendo feia, velha, gorda ou magra demais e, sempre, com feições sugerindo o seu mau humor, padrão que irá se repetir em outras publicações, como na edição de 18 de abril de 1914, em destaque na figura 3.

Figura 2



Fonte: Revista Kodak, 17.maio.1913.

Figura 3



FONTE: Revista Kodak, 18.abr.1914.

Nessa charge, observa-se que a mulher foi retratada com certo “ar” masculino, sugerido pela sua postura, pelo cigarro entre os lábios, na vestimenta e mesmo na sátira ao relatar o cargo que ela exerceria, descrito na legenda – Presidente do Supremo Tribunal – em um distante futuro do século XXI e além. Esse era outro dos argumentos empregados para desencorajar a participação feminina em qualquer assunto fora do mundo doméstico e privado, pois a mulher, segundo essa vertente argumentativa, iria se masculinizar e perder seu lugar de “anjo” e “rainha” do lar.⁷

Mais uma imagem evocada pela revista procura reforçar esse estereótipo, tal como se vê na figura 4, que ilustra a parte superior da página no qual se lê ao fundo a palavra “Feminismo” em letras garrafais. Mostra, em primeiro plano, um grupo de mulheres vestidas com acessórios da indumentária masculina, caracterizados pelo chapéu e a gravata, bem como o blazer de cor escura. Uma delas tem um cigarro entre os lábios e assume uma postura relaxada, com a mão no bolso enquanto duas outras parecem estar travando uma conversa. Em contraste com elas, observamos no lado direito a imagem uma mulher, com um bebê nos braços, com um vestido de cor clara enfeitado com babados, em pleno contraste com os escuros trajes das outras mulheres. A composição da

⁷ Embora não possamos reconhecer a autoria dessas charges, provavelmente elas foram produzidas por homens, tal como sugere as referências encontradas sobre os chargistas da revista. Conforme Alice Trusz, os principais chargistas eram conhecidos pelas alcunhas de Giga e Nero. O primeiro, pseudônimo do artista italiano Giuseppe Gaudenzi, estabelecido em Porto Alegre desde 1909, já Nero era o pseudônimo de Orzolino Martins, sendo ele ilustrador do impresso ilustrado local *Pau Bate* desde 1908 e da *Kodak* a partir de 1912 (TRUSZ, 2016, p.2).

MEYRER, Marlise Regina; KARAWEJCZYK, Mônica. Representações do feminismo na Revista Kodak - Porto Alegre (1912-1918)

imagem, ao apresentar a mulher com o bebê de costas para as demais, com um olhar talvez desconfiado, talvez assustado sugere que certo receio da presença desse grupo de mulheres. As feministas aparentam assim ser uma ameaça à mulher maternal.

Figura 4



Fonte: Kodak, 12.set.1914.

No canto esquerdo da imagem encontramos a assinatura do autor, um **P** rodeado por um círculo. Essa era a forma como Raul Pederneiras, jornalista e cartunista carioca, rubricava suas charges.⁸ Tal constatação vem corroborar nossas interpretações, pois Pederneiras,

foi um crítico implacável das iniciativas de mulheres que visavam ampliar a sua esfera de atuação, ultrapassando o âmbito da esfera privada que lhes era destinada em caráter exclusivo. Dentre as cenas que privilegia, busca realçar a incompatibilidade entre o exercício de atividades extra-domésticas, o trabalho em especial, com as suas funções de mãe (SOIHET, 2003, p.3).

O discurso da revista sobre o feminismo não se restringiu ao imagético, no ano de 1914, duas crônicas fizeram referência direta ao tema. O primeiro texto de setembro intitulado *O feminismo deve ser derrotado* inicia com uma constatação: “o feminismo está ganhando terreno” o que, segundo o articulista, seria comprovado pela ida de uma comissão de sufragistas, lideradas por uma mulher identificada como Margarida Durant à Câmara reclamar o direito do voto. A personagem feminino teria proferido as seguintes frases, na ocasião:

⁸ A participação do nacionalmente renomado cartunista na *Kodak* evidencia a importância desse recurso na revista, bem como a atualidade do periódico, conectado com as produções gráficas e temáticas do centro do país. As charges tiveram um espaço significativo nas revistas ilustradas, especialmente nas primeiras três décadas do século XX. Alice Trusz (2015) informa que Raul Pederneiras teria vindo a Porto Alegre em abril de 1913, acompanhado de mais dois colegas cariocas com o fim de realizarem uma série de conferências. O trio permaneceu na cidade por mais de dois meses, apresentando suas conferências na capital e em várias cidades do interior do estado. Nesse período tornou-se colaborador efetivo da revista *Kodak*, publicando uma série de quadrinhos intitulada *Seu Chico Pindoba*.

Para que queremos nós metermonos nas questões políticas ou sociaes? Não temos nós outros papeis importantes a representar? Os nossos caprichos, as nossas fantasias, nossos coquetismos, nossa graça feita de fragilidades e delicadezas não nos predispoem para taes destinos. As feministas intransigentes são muitas vezes aquellas que não comprehenderam, ou foram mal succedidas, na sua vida de mulher. As outras, essas têm um meio muito mais seguro de obter que as leis as favoreçam sobre certos pontos. E muito justos. E crearam o seu feminismo. Maridos, irmãos, filhos sentirão a doce influencia da ideia daquela que lhes inspira amor, amizade, respeito e se tornarão os grandes defensores dos progressos uteis ao nosso século (*Kodak*, 12.set.1914).

É clara a posição contrária ao movimento sufragista, entendido como radical.⁹ As conquistas deveriam se dar dentro do universo próprio ao feminino, cuja essência os radicalismos pareciam ameaçar. Segundo essa vertente do então chamado “bom feminismo” as mulheres caberia à formação dos homens que teriam o dever de defendê-las. Mais uma vez, as características assinaladas como femininas, são acentuadas na argumentação textual na revista, que procurava deixar claro, para seus leitores, que é a própria posição da mulher na sociedade e na família que estariam ameaçadas, caso as “radicais” vencessem. Segundo nossa interpretação tais argumentos são proferidos, não por acaso, pela “boca” de uma mulher, mas foram ali inseridos para reforçar que a ideia de que as próprias mulheres não estariam de acordo com os ideais de uma igualdade entre homens e mulheres. O alvo de tais recomendações também teria um endereço certo, a mulher burguesa que, nesse período, estava se mostrando cada vez mais participativa e contestadora do seu lugar na sociedade, sendo assim é a posição social dessa mulher que está sob ameaça e é para ela que o articulista do texto se dirige a admoestando para permanecer no seu lugar.¹⁰

Outra, contudo parece ser a abordagem do texto publicado em novembro intitulada *Feminismo*, no qual o articulista escreve que “o maior inimigo do feminismo é a própria mulher que reclama do homem a sua emancipação. Esperar os seus direitos da generosidade de um *tirano*, é reconhecer uma subalternização que há-se tentar o homem a negar-lhos, enquanto puder.” (*Kodak*, 07.nov.1914). O autor afirma não haver dúvidas sobre a igualdade intelectual entre homens e mulheres, entretanto, para ele a própria mulher seria a responsável pela sua inferioridade social, ao não se interessar em lutar por seus direitos. O articulista contudo, convenientemente, esqueceu de citar que tanto as leis quanto os costumes, vetavam a participação feminina em muitos dos espaços públicos, tal como no mundo do trabalho.¹¹ Na sequência ele descreve que para obter a

⁹ No ano de 1914 e as vésperas da Primeira Guerra Mundial, o voto feminino era reconhecido apenas em quatro países, a saber: Nova Zelândia (1893), Austrália (1902), Finlândia (1907) e Noruega (1913).

¹⁰ Nas décadas iniciais do século XX o movimento sufragista, tanto no Brasil quanto no exterior, foi liderado por mulheres instruídas das classes médias (burguesia) e da elite.

¹¹ A guisa de exemplo, cabe aqui destacar que somente em 1918 foi permitida a uma mulher no Brasil, Maria José de Castro Rebelo Mendes, disputar uma vaga para o Ministério do Exterior. A inscrição de Maria José para o cargo foi, inicialmente, indeferida pelo simples fato dela ser uma mulher. Tal recusa gerou uma campanha contestatória em parte da imprensa e levada a frente por Rui Barbosa que elaborou um parecer destacando a inconstitucionalidade de tal

emancipação, as mulheres deveriam levar em conta as diferenças naturais de cada sexo, que habilitariam a mulher somente para algumas profissões que lhes garantisse a “independência pelo trabalho pessoal”. Para o autor dessas linhas a condenação final seria para as mulheres que buscavam no casamento sua estabilidade, ao que atribui o predomínio do coração sobre cérebro nas mulheres. Tais escritos enfatizam que existiria uma pretensa essência feminina que determinaria o seu comportamento e definiria sua (in)capacidade para participar dos negócios públicos. Tal ideia era amplamente difundida na época pelos estudos de Cesare Lombroso, médico e criminologista positivista italiano, que destacava:

embora a mulher normal apresentasse algumas características negativas que a aproximavam da criança, tais como, senso moral deficiente, tendência exagerada à vingança, ao ciúme, de maneira geral esses defeitos eram neutralizados, entre outros, pela maternidade, sua frieza sexual e sua menor inteligência. Em contraposição, as mulheres dotadas de forte inteligência se revelavam extremamente perigosas, constituindo as criminosas natas. Eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres a que estaria subordinada toda a organização biológica e psicológica daquelas normais (SOIHET, 2003, p.3).

Raul Pederneiras pode ser o autor de outra série de desenhos publicados no dia 17 de novembro de 1917 intitulados *A Arte de conhecer feminismos*, ocupando uma página inteira da revista. Essa é, a nosso ver, a mais significativa e emblemática publicação sobre o tema na *Kodak* no período analisado.¹²

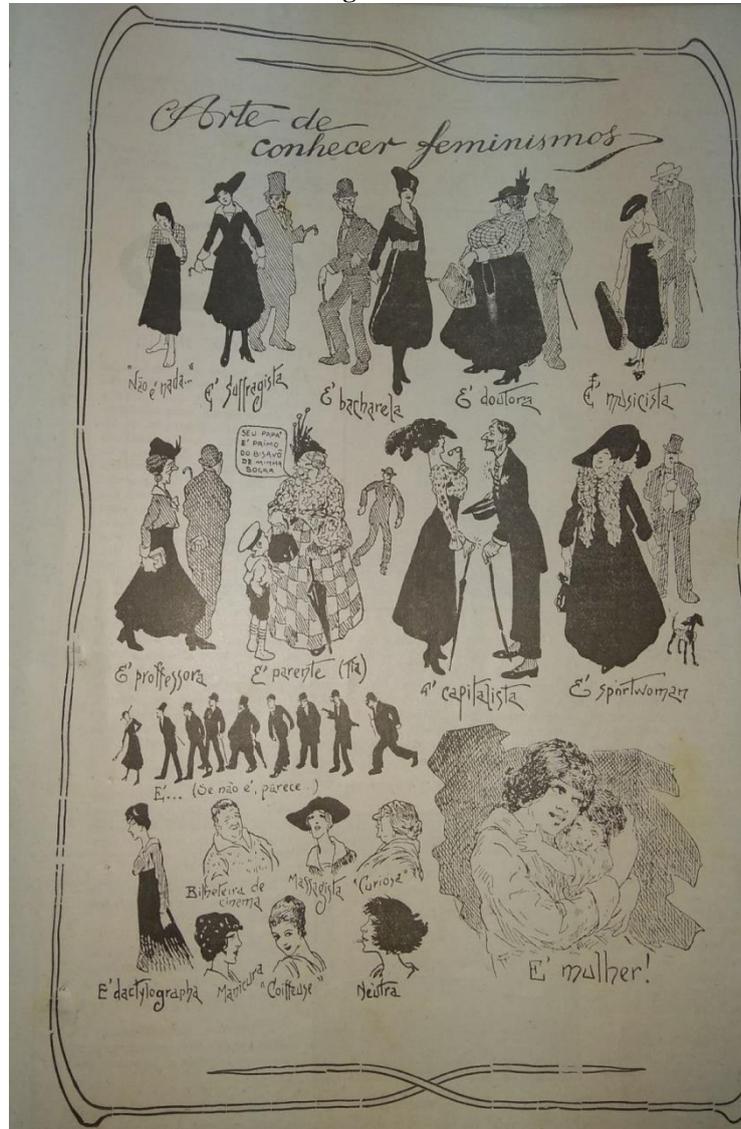
Na figura 5 observamos que a charge apresenta uma composição de cenas, sendo que dois terços da página é ocupado com cenas retratando os “feminismos” e sua associação com uma profissão feminina ou papel social e a forma como afeta os que estão ao seu redor. A própria disposição das mulheres em cada uma das cenas já induz o olhar do leitor de forma a glorificar a última imagem, a mulher/mãe, que aparece em destaque no canto inferior direito da página, uma mulher jovem abraçando (e sendo abraçada) por uma criança, todo o conjunto passando certo ar de “afeto” e reciprocidade entre as personagens, as únicas que receberam um fundo escuro, que a destaca das outras cenas. Em primeiro lugar, o feminismo aparece majoritariamente associado a mulher que exerce algum tipo de profissão, isto é, com uma mulher que ocupa o espaço público. Em segundo lugar observa-se um corte social hierárquico com relação ao grupo retratado nos dois

recusa, obrigando o ministério a acatar a inscrição da candidata, que após passar no concurso, veio a ser tornar a primeira brasileira a ocupar um cargo público no Brasil, ver mais no verbete que leva o seu nome no *Dicionário Mulheres do Brasil* (2000, p.396-397)

¹² Inferimos a autoria dos desenhos à Pederneiras pela semelhança nos traços e padrões, tal como pode ser observado, por exemplo, em outro trabalho do autor, em especial no álbum *Scenas da Vida Carioca*, publicado em 1925 e 1935, que contém uma coletânea das obras do autor ao longo dos anos. O álbum pode ser acessado de forma *online* no site da Hemeroteca Digital, www.memoria.bn.br. *Scenas da Vida Carioca*. Caricaturas de Raul. RJ. Oficinas Gráficas Jornal do Brasil. Segundo Ablum, 1935.

terços de cima da página e o terço inferior à esquerda que retrata as profissões das mulheres mais pobres.

Figura 5



Fonte: Kodak, 17, nov. 1917.

Na primeira cena retratada à esquerda, temos retratada uma mulher jovem de pés descalços, desenhada em posição que sugere tristeza e prostração com a legenda “não é nada”. Duas leituras podem ser aqui aferidas, uma delas é que ela seja uma mulher pobre que não faz parte do feminismo, ou seja, “não é nada” tal como indica a legenda. Outra leitura é que ela faça parte da cena que retrata a “sufragista” uma vez que a mulher dessa cena está com o corpo e parece estar olhando para a moça descalça. Assim não parece ser um mero acaso que a sufragista seja retratada tão perto dessa outra moça, que se encontra à sua direita, de pés descalços, talvez uma forma de estabelecer algum vínculo entre elas, até mesmo familiar, tal moça pode ser a filha da sufragista que estaria assim negligenciando seus “deveres” de mãe de família ao se imiscuir no meio público,

exigindo o direito de votar e ser votada. Esse era um dos mais emergentes argumentos elencados pelos antifeministas ao destacar o abandono da família e o sofrimento dos filhos bem como o caos que a sociedade se transformaria pelo simples fato das mulheres participarem do mundo público e político (GAY, 2001). Tal como destaca Michele Perrot:

de todas as fronteiras, a da política foi, em todos os países, a mais difícil de transpor. Como a política é o centro da decisão e do poder, era considerada o apanágio e o negócio dos homens [...]. Ser uma mulher na política, ou ainda, ser uma “mulher política”, parece a antítese da feminilidade, a negação da sedução, ou ao contrário, parece tudo dever a ela. Daí os bloqueios, as resistências [...] (PERROT, 2007, p.151 e 153).

Na sequência têm-se mulheres em profissões de nível mais elevado, como doutora, musicista, professora, bacharela, mas também a tia e a *sportswoman*. Em todas as cenas, com exceção da legendada como “é capitalista” os homens aparecem como sombras a acompanhar as mulheres, que estão todas, sem exceção, vestidas de forma distinta. A única imagem em que o homem é retratado em todas as suas minúcias, com um alfinete brilhante na gravata, é na cena que descreve “a capitalista” em cujo dedo reluz um anel, provavelmente para mostrar que ambos os personagens são ricos, motivo pelo qual estão em pé de igualdade.

No terço inferior da página, à esquerda, a composição muda e observamos duas cenas distintas. O conjunto superior mostra nove figuras, em uma espécie de fila, sendo a figura mais à esquerda uma mulher identificada pela vestimenta que a diferencia, a saia. A legenda diz: “É... (se não é, parece)”, sugerindo que ela é um homem. O conjunto inferior mostra outras profissões femininas apresentando uma hierarquia nas profissões e, quem sabe, nos feminismos. A figura de maior destaque nessa cena é a datilógrafa, sendo as outras retratadas apenas a parte superior da sua figura, estando indicadas as profissões menos valorizadas na escala social, tal como a manicura ou a bilheteira. Também são retratadas uma senhora idosa identificada como “curiosa” e outra jovem que recebeu a alcunha de “neutra”. Podemos inferir que há uma crítica às feministas que colocam sua profissão acima do papel tradicionalmente atribuído a mulher, especialmente a função maternal. Além disso, elas se posicionam (ou pretendem se posicionar) à frente dos homens, que aparecem apenas como sombras, o que caracterizaria uma verdadeira ameaça a ordem social e natural. Quanto à imagem da capitalista e do seu acompanhante esta parece sugerir que somente as mulheres que independentes economicamente é que deveriam e poderiam se igualar aos homens. Essa explicação justificaria também o agrupamento das profissões mais humildes no canto esquerdo inferior da página. O último conjunto - a “mulher” - parece assim celebrar que o verdadeiro papel da feminista deve ser o de mãe.

A interpretação de documentos de períodos tão remotos, nesse caso, com mais de cem anos, é problemática, em especial no que se refere a imagens. Fora de seu contexto, poderíamos até olhar para a imagem e pensar que ela significa que feminista pode ser qualquer mulher, de diferentes profissões, papéis ou classes. Porém, o estudo da linha editorial do periódico, o provável autor e sua produção, nos orientam para diferentes sentidos. Laura Nery (2011), ao analisar o humor gráfico de Raul Pederneiras, afirma que ele “honra tradição da arte que pratica. [...] Seu olhar preside a cena, mas a decisão é do público”. Segundo a autora, de uma forma geral, em sua obra “o leitor é convidado a tirar suas próprias conclusões” (NERY, 2011, p.234).

O posicionamento da revista com relação à possibilidade de um protagonismo feminino na sociedade pode ser também observado, em outra crônica publicada em 1917, cujo tema central é a atuação da mulher norte-americana. Essa mulher, estrangeira, é caracterizada como sendo interesseira, não afeita às tarefas do lar, que “[...] invadem o terreno masculino, seja no trabalho, seja na diversão, jogam o pocker,, apostam no hyppico e nos trens invadem os fumoirs” [e que] [...] seja de média ou de alta sociedade, considera-se superior ao marido física e intelectualmente” (Kodak, 08.dez.1917). O cronista assim conclui que este comportamento seria responsável pela queda no número de homens que queriam casar, ou seja, as brasileiras deveriam assim ficar de sobreaviso para não repetir esses erros e perder a oportunidade de constituir família, meta que deveria ser alcançada por todas as mulheres. Para concluir, no final dessa mesma página, encontramos uma pequena matéria sobre “conselhos oficiais em matéria de casamento” na cidade de *Milwaukee*, entregues por ocasião do registro de casamento. Entre os conselhos, uma admoestação: “Não consintas que a tua mulher vote” (Kodak, 08.dez.1917).

Considerações finais

Acreditamos que a Revista *Kodak* esteve conectada com as discussões políticas e culturais de sua época, tendo atuado de forma crítica e em conformidade com o ideário que fundamentava a publicação bem como de seus editores e colaboradores. Para isso, fez uso de instrumental gráfico moderno em sintonia com as publicações do mesmo tipo no centro do país. Destacou-se aqui que o feminismo não ficou de fora das páginas da revista, aparecendo tanto no discurso imagético quanto no textual. As edições aqui analisadas colocaram em dúvida a legitimidade das reivindicações femininas, apontando para o perigo que estaria rondando a sociedade e a família. Uma apurada leitura da revista aponta que seu conteúdo corrobora a hipótese de ser o periódico um instrumento de propagação e reforço dos papéis tradicionais atribuídos às mulheres com base no ideário judaico-cristão e positivista. Nesse sentido, a *Kodak* agiu no sentido de barrar qualquer avanço feminino

MEYRER, Marlise Regina; KARAWEJCZYK, Mônica. Representações do feminismo na Revista Kodak - Porto Alegre (1912-1918)

nesse sentido e contribuiu para desqualificar o movimento feminista e as feministas como forma de resistência conservadora à emergência dessa luta. “*Memes*” de outros tempos, luta de muito tempo.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

FLÔRES, Onici. *A Leitura da Charge*. Canoas: ULBRA, 2002.

GAY, Peter. *A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GHILARDI, Maria Inês. O humor na charge jornalística. *Comunicarte*. Campinas, v.12, n° 20, p.86-92. 1995/1996.

KARAWEJCZYK, Mônica. O feminismo em boa marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n.26, vol. 2, p.1-17. 2018.

KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, vol. 40, n.1, p. 64-84, jan./jun.2014.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KYMLICKA, Will. *Filosofia política contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARTINS, A. L. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.

MATOS, M. A Quarta onda feminista e o Campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil: entre a destradicionalização social e o neoconservadorismo político. In: *Encontro Anual da Anpocs*, 38, 2014, Caxambu. Anais... Caxambu: Anpocs, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A Leitura de imagens na pesquisa social*. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortex, 2004.

NAHES, Semiramis. *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

NERY, Laura. Nostalgia e Novidade: estratégias do humor gráfico em Raul Pederneiras. In.: LUSTOSA, Isabel (org). *Imprensa, Humor e Caricatura: A questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

OGANDO, Ana Carolina Freitas Lima. Entre o público e privado: as relações de gênero no pensamento positivista e católico (1870-1889). Anais. *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis - SC, agosto de 2010.

MEYRER, Marlise Regina; KARAWEJCZYK, Mônica. Representações do feminismo na Revista Kodak - Porto Alegre (1912-1918)

OLIVEIRA, Cláudia de., VELLOSO, Mônica Pimenta, e LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (org). *História cultural: narrativas e pluralidade*. Editora HUCITEC, São Paulo, 2014.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. O feminismo na história: suas ondas e desafios epistemológicos. In: BORGES, Maria de Lourdes; TIBURI, Márcia (Orgs.). *Filosofia: machismos e feminismos*. Florianópolis: UFSC, 2014.

SCHUMAHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVEIRA, Daniele. *Moda e Sociedade: representações da estética e das indumentárias na Revista Kodak (1912-1915)*. Dissertação de mestrado – Pós-Graduação em História. Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2015.

SOIHET, Rachel. Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, nº4., Ago./Dez.2003

SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos. Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

TRUSZ, Alice Dubina. Imprensa e humor no teatro: as conferências do “trio alegre” carioca em Porto Alegre (1913). In.: ROSSINI, Mirian de Souza, SÁ MACHADO, Cláudio de., SANTOS, Nádia M. Weber (org). *Representações e visibilidades na história cultural: imagens, imaginários, memórias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

TRUSZ, Alice D. Imprensa periódica ilustrada e política: a Revista *Kodak* e os usos das representações humorísticas na construção da opinião pública. Porto Alegre, 1912-13. ANAIS. *XIII Encontro Estadual de História* de 18 a 21 de julho de 2016 . Porto Alegre: ANPUH-RS, 2016.

TRUSZ, Alice D. Imprensa periódica ilustrada e política: a revista *Kodak* e a palheta republicana. Porto Alegre (1912-1913). *Tomo* (UFS), v. 1, p. 135-172, 2013.